



Comunicações do ISER

Número 66 - Ano 31 - 2012

AS MÁSCARAS DE GUERRA DA INTOLERÂNCIA



As máscaras de guerra da intolerância



O ESQUEMA TÁTICO DAS TORCIDAS

FELIPE BEROCAN
VEIGA E
HÉLIO R. S. SILVA

ENTREVISTA COM BERNARDO BORGES BUARQUE HOLLANDA

122

O esquema tático das torcidas | Comunicações do ISEER



Comunicações do Iser: Como primeira pergunta, pontapé inicial da conversa, gostaríamos de saber como conciliar a dimensão de congraçamento expressa pelo futebol com a violência nos estádios?

Bernardo: Sim. Isso, a gente ouve da boca do João Havelange, por exemplo, quando ele diz que para se candidatar à Fifa, "ele visitou os mais diferentes países do mundo, da África e tal, e o futebol era a língua pacificadora, ela era capaz de tocar no coração e promover a... Bom, o próprio Estado brasileiro tem feito ações nesse sentido. Aquela ida da Seleção Brasileira ao Haiti, dentro de um contexto bastante delicado, era a ideia justamente de que o futebol poderia reunir o povo por conta daquela presença de jogadores, essas figuras que hoje em dia são idolatradas etc. Então, existe essa... existe uma ênfase nessa capa-

cidade de agregação que teria o futebol, por ser, como diz o José Miguel Wisnik, o idioma geral de uma língua não verbal. O futebol, na segunda metade do século XX, foi esse... e a gente sabe que uma série de outros interesses, junto com o fascínio pelo esporte, se agregaram às marcas, aos patrocínios, à competição, ao profissionalismo, e, na verdade, é um elemento de congregação, mas nem por isso de conflito também, de desagregação e de expressão, em alguns casos, de intolerância. Um dos últimos livros do Hobsbawm, que é Globalização, Democracia e Terrorismo, fala da esquizofrenia do futebol contemporâneo. Em um sentido, ele vai apontando, cada vez mais, para a integração mundial, internacional, e o futebol aparece como essa quinta essência do capitalismo financeiro, que os jogadores são meras peças da Bolsa de Valores, quer dizer, você é um... ali é um capital volátil, que um dia

you vale milhões, e, no outro dia, você não vale mais nada, e a gente manda o bagaço de volta para o Brasil, quando não presta mais lá – agora, que está havendo toda essa discussão econômica, se o Neymar é capaz de resistir no Santos e tal...

Comunicações do Iser: Eu acho que o Neymar, ontem, não foi muito bem...

Bernardo: É. E, ao mesmo tempo, ele dizia, a contrapartida de tudo isso que produz; o capitalismo tem sido essa expressão dos localismos, como o futebol, uma das dimensões primeiras que ele acionou foi o vínculo do clube, quase que um vínculo de bairro, um vínculo da cidade natal, do país, ou seja, como esses apegos identitários tiveram, originalmente, na raiz da construção das identidades populares, no futebol. Nisso também, essa demanda do localismo – a gente vê isso mais fortemente na Europa – aparece no âmbito da torcida. A rejeição, uma recusa muito contundente aos jogadores estrangeiros, aos jogadores que vêm das ex-colônias, enfim, há essa integração. Quando a cortina de ferro caiu, no Leste Europeu, isso passou a se manifestar, por exemplo; o futebol passou a se desenvolver também nesses países, países que eram muito fechados começaram a receber esses jogadores estrangeiros, e, imediatamente, as torcidas responderam dessa forma, rejeitando. Na Rússia, existem casos de racismo. Enfim, todas essas movimentações populacionais, produzidas nas últimas décadas, estão se expressando também no âmbito do futebol, ora com essa ideia de integração, ora com essa ideia de rejeição, seja pela xenofobia, seja por questões raciais específicas, e por esse mecanismo identitário, que é constitutivo do futebol, ou seja, uma posição agonística entre o eu e o outro, entre o eu, que pode ser individual ou coletivo, e aquela outra agremiação, que é vista como símbolo da pátria assim, de um clube; ou seja, o clubismo é uma expressão desses nacionalismos contemporâneos, e dessa fragmentação contemporânea que assistimos desde os anos 1990. Então, realmente, aparece, para nossa

surpresa, apesar de todo o discurso do fair play, o discurso dessa capacidade de a Fifa ser mais aglutinadora do que a própria ONU.

Comunicações do Iser: E de que modos a intolerância se manifesta no futebol? Como você vê essas manifestações?

Bernardo: Ela se relaciona ao desenvolvimento do profissionalismo do futebol contemporâneo, quer dizer, existe um primeiro profissionalismo, que é esse da Inglaterra, quer dizer, que é a construção da ideia do esporte como elemento moderno de produzir essas identidades a que nos referimos, e, com isso, essa entrada do capital no universo dos esportes, ou seja, você passar a receber para jogar futebol é um fenômeno que, a princípio, na história britânica, não estava previsto nos esportes, eles vão surgir como práticas físicas que vão integrar o homem na modernidade, vão levar o homem a ser esse homem laborioso e capaz de ter a sua energia psíquica e física condicionada para as novas formas de associação na vida urbana e industrial, e pouco a pouco, como eu disse, o futebol começa a se vincular a essas identidades locais sob a forma de concorrência; todo o discurso do fair play vai sendo cada vez mais utilizado em nome, em função de uma competição, que agora envolve dinheiro, agora envolve patrocínio, e o futebol acaba expressando esses conflitos de clubes, que são conflitos também, em termos simbólicos, de nações, concorrências entre nações. Então, quer dizer, a intolerância, parte primeiro de algumas necessidades de vitórias, de discursos em busca da vitória a qualquer custo, a qualquer preço, e, em particular, no universo da torcida; pouco a pouco, a ideia de que essas competições levavam a metáforas de guerra – não é à toa que os esquemas táticos se desenvolvem no entre guerras; em 1925, é criada a terceira lei do impedimento, é criado o sistema tático WM, e, pouco a pouco, o campo de jogo passa a ser também visto com leituras militares, leituras de guerra. O curioso é que toda essa simbolização, que carrega o futebol, pouco a pouco, foi vivida na sua inte-

gralidade pelos torcedores, essa ideia de que o futebol é mais que um jogo, que é caso de vida e morte; de todos os discursos que os meios de comunicação e a profissionalização criaram, ela acabou sendo vivida por esses torcedores, quer dizer, por esses grupos de torcedores, e, ao longo do século XX, tem-se constatado esses casos de violência, esses casos de transgressão à ordem, que têm por palco sejam os estádios, e, pouco a pouco, também fora dos estádios. Então, quer dizer, tem aí uma série de fatores, de oscilações, de ciclos, de momentos, em que essa violência é mais acentuada, momentos em que ela é menos acentuada, e aí, especificamente, começamos a ter um grupo de estudiosos, na Inglaterra, que se dedicou a tentar entender o porquê de, sendo um projeto da modernidade, sendo um projeto de contenção da força física, o futebol sendo uma alegoria dessa contenção da força física, ou seja, pra eu atingir o meu objetivo, eu tenho que ultrapassar pelo mérito aquele outro indivíduo que está na minha frente, mas para que eu alcance esse objetivo, esse espaço que precisa ser ultrapassado, ele depende da minha capacidade técnica, uma capacidade técnica de empregar a força física com um objetivo que não ultrapasse... que o fim não justifique o meu meio, que seria eu me sobrepor àquele indivíduo; e todo esse discurso a que o futebol está associado vai encontrando uma espécie de contradiscurso, na maneira como esses grupos, essas torcidas elaboram os discursos dentro do futebol, e a guerra passa a ser uma dessas metáforas que vai sendo cada vez mais levada ao pé da letra. Então, a ideia de que o adversário não é mais adversário, mas um inimigo, de que a conquista daquele título significa uma honra, significa uma questão pátria fundamental – não é à toa que, nos anos 1930, os totalitarismos promoveram os esportes; grande parte da desconfiança das esquerdas internacionais com relação aos esportes teve relação com essa associação dos momentos totalitários, de utilização dos esportes para a divulgação desses ideais, e aí a famosa frase, a do Mussolini, para a equipe italiana, “Vencer ou vencer”, era a ideia de que

eles representavam a pátria, e deveriam levar aquilo às últimas consequências; então, todos esses discursos acabaram acentuando essa ideia do que são as questões do Ocidente, de como você se relaciona com o outro, todas as concepções da psicologia coletiva, a ideia das alterações de comportamento quando o indivíduo está imerso na multidão, e os esportes se tornaram os grandes elementos de reunião de multidões nesses espaços, nessas arenas. Nossos paradigmas de estádios iniciais eram estádios pra 150 mil pessoas, pra 200 mil pessoas. A ideia de reunir a massa em torno de um espetáculo foi utilizada desde o início; e aí, pouco a pouco, essa ideia também de que o controle dessas massas era de difícil execução passou a ser constatada.

Comunicações do Iser: Só um ponto anterior. É o seguinte: essa relação que você está fazendo é entre o totalitarismo e o esporte, em geral, ou é entre o totalitarismo e o futebol? Se for entre o esporte, em geral, qual o peso simbólico específico do futebol nesse contexto?

Bernardo: Sim, tanto com o futebol, especificamente, ele é alvo, mas também os esportes, de uma maneira geral, e aí a gente pensa, especificamente, no que foram os Jogos Olímpicos de 1936, essa utilização em 1936 e em 1938. Também na Itália, com a Copa da Itália, com o futebol específico como o elemento dessa contabilização, o fato de o futebol ser um esporte coletivo, canaliza mais isso. Mas, de todo modo, esse é um discurso que pertence aos esportes, de modo geral, que foi veiculado como um elemento estratégico de competição entre as nações, e aí os Jogos Olímpicos começaram a ser também esses índices de mensuração daquelas potências que seriam superiores às outras.

Comunicações do Iser: Agora, por exemplo, falando um leigo no assunto, o basquete também é um esporte coletivo, mas, intuitivamente, eu diria que há uma diferença muito grande entre o futebol e o basquete. Seria essa lógica da estratégia, que você está mencionando,

dessa sensação desse discurso militarizado?

Bernardo: É, quer dizer, os Jogos Olímpicos, por congregarem várias modalidades esportivas, passaram a ser formas de concorrência entre as nações. E isso vai ter variações, e, no futebol, talvez isso tenha sido mais visível pela própria dimensão que o futebol teve, na primeira metade do século XX, como aquele lugar onde as multidões se encontravam, onde os estádios eram para multidões, ao contrário dos ginásios, algumas modalidades, ao contrário desses espaços que comportavam um público menor, muito embora o boxe, por exemplo, já tivesse sido o alvo do interesse do Brecht, nos anos 1920, que chegava a reunir, na Alemanha, até 5 mil espectadores. Já havia a ideia de, por exemplo, que o boxe poderia também ser esse mecanismo de expressão dessas competições e dessas rivalidades, mas isso aconteceu, de maneira mais evidente, com relação ao futebol, pelas arenas, pela dimensão das suas arenas, e depois, com a era da televisão, com a capacidade de o futebol, mais que as outras modalidades, de chamar mais a atenção. Não é à toa que o fenômeno social, e a imagem, o estereótipo do Hooligan se propagou, na Inglaterra, com a Copa de 1966. Essa, que foi uma das primeiras Copas televisadas – ainda tem um televisualização incipiente em 1954 e 1958 –, em 1966, com a apresentação na televisão, grupos jovens, que constituíam grupos da periferia londrina, começaram a ver pela Copa do Mundo, a partir de um evento internacional, que eles podiam mostrar a insatisfação deles para o mundo todo, e, a partir da Copa de 1966, a Inglaterra começou a assistir os problemas de vandalismo dentro dos estádios, como uma forma de visibilidade, como uma forma de chamar a atenção da sociedade para parcelas juvenis que procuravam mostrar o seu sentimento de insatisfação social; e, pouco a pouco, essas subculturas juvenis começaram a fazer do futebol um lugar por intermédio do qual essa intolerância com o outro era praticada cotidianamente, era praticada e vivenciada pra além do próprio jogo.

Comunicações do Iser: Isso era variável.

Bernardo: Você tem essas subidentidades ligadas ao futebol, elas variam em função do futebol, mas o alvo já é o torcedor oponente, como que à parte do futebol, você criou uma competição paralela; uma competição em que se havia regras, havia alguns mecanismos de códigos que criavam limites pra esse confronto, pouco a pouco, esses limites vão sendo cada vez menos respeitados, à medida que essa construção do outro como não mais um adversário, mas um inimigo, se acentua. A intolerância cresce nessa esteira desses subgrupos de jovens, que, vendo no futebol um potencial agonístico de construção de alteridades, mas alteridades não respeitadas, se desenvolve. Na Inglaterra, eles chamavam de firmas. São firmas, grupos de jovens do sexo masculino, e que passam a criar um discurso sobre o outro, a denegrir o outro, a ultrajar o outro, a humilhar o outro, e isso se sistematiza ao longo dos anos 1970, e, pouco a pouco, começa a produzir tragédias que chocam a sociedade. Agora, isso foi um processo longo de anos, em que isso foi sendo internalizado, em que isso foi sendo construído para o momento em que elas começam a eclodir de maneira já a produzir catástrofes, a produzir acontecimentos que chocam, que causam toda essa imagem de que seriam bárbaros, de que seriam vândalos, de que seriam indivíduos movidos por um ódio que parece tão cego, parece tão constrangedor, fatal, enfim, todas essas imagens tão carregadas, que, pouco a pouco, os meios de comunicação criaram. E em vez de isso ser um alerta, um movimento de reincorporação desses grupos, a intolerância das torcidas teve como contrapartida também a intolerância da própria sociedade, que, obviamente, quer sempre menos problemas para si e quer sempre resolver os problemas sob a forma da erradicação. Se temos um problema com torcida, o problema é da torcida, não é da sociedade, é sempre um problema que você pode isolar, identificar aqueles que não são benquistos socialmente e aniquilá-los. Então, hoje em dia,



todo o discurso que se faz é para estigmatizar, isolar e, pouco a pouco, asfixiar. As políticas para a prevenção à violência nos estádios, para entender o fenômeno juvenil da violência, que se expressa por meio do futebol, mas que tem componentes para além do futebol, são também intolerantes. Um problema que está crescendo exponencialmente e se apresenta de forma cada vez mais grave), sob a forma de medidas, como proibição, como meramente punitivas, e que tentam fazer disso soluções sob o calor desses acontecimentos, que a gente começa a ver tragédias em estádios, como morte de centenas, dezenas de torcedores, e, agora, uma legislação tem sido criada pra tentar contê-los. Não tentar entender a raiz dessa intolerância, não tentar buscar formas de reintegração, mas, simplesmente, formas de exclusão. No Brasil, o fenômeno é bastante comparado... se a Europa se caracteriza em um aspecto macro, por essas questões mais visíveis de racismo, então, as torcidas italianas, que vão hostilizar um jogador porque ele é negro, e vai imitar macaco pra tentar ofender a sua honra, enfim, e a gente assistiu esses fenômenos de racismo na Europa, e no Leste Europeu também bastante; no Brasil, ele é menos um problema de intolerância racial, étnica e de integração nacional, e mais um problema social ligado ao pertencimento desses jovens que participam de torcidas organizadas. Um problema que está sendo diretamente ligado à criminalidade urbana, à permissividade, à facilidade de acesso à arma, no Brasil, e em um patamar de mortes relacionado à torcida organizada, de letalidade, que está diretamente ligado à presença de armas nesses grupos.

Comunicações do Iser: você falou muito de nações, de espírito bélico, e, agora, você passa para um plano municipal, vamos dizer assim, né? Quais são as propriedades específicas, onde é que eles se encontram? Você começou a falar disso; você poderia pontuar?

Bernardo: Vou entrar nesse ponto. Só vou dar um dado que mostra o grau do problema: nos três primeiros meses de 2012, nós já tivemos, no Brasil, 25 mortes ligadas às torcidas de futebol; então, é uma estatística que, se você vai em um país como a França, na sua história, brigas relacionadas à torcida, que tiveram incidentes fatais, se resume a três torcedores mortos.

Comunicações do Iser: E na Inglaterra?

Bernardo: Na Inglaterra, existiu um número maior, mas ainda um número que é ligado a brigas que são brigas físicas. São confrontos de grupos que se encontram, e você tem mortes derivadas às vezes de espancamento, de linchamento, mas, no Brasil, a presença da arma de fogo chegou às torcidas, nos anos 1990, e tem se intensificado cada vez mais. A criminalização da torcida é que se seguiu a esses incidentes, de morte; esses grupos, e a proibição desses grupos tem aumentado com o tempo. A proibição não institucional e jurídica dessas torcidas, ela se tornou mais difusa e ampliou o número de mortes que nós temos tido nas últimas décadas no Brasil. A primeira morte relacionada à torcida organizada, aconteceu em 1988, quando um fundador e líder de uma torcida organizada foi assassinado fora de circunstâncias de jogo, ou seja, foi uma morte premeditada. Ligado ao universo das



rixas, mas fora do ambiente de jogo. Caso não elucidado pela polícia. Em 1995, uma briga generalizada de torcidas de dois clubes, em São Paulo, levou a que, dentro de campo, um jovem morresse, depois de sua cabeça ter sido alvejada por pedras e paus por centenas de outros torcedores. As torcidas foram proibidas, e isso tem continuado. Justamente, o ponto é que essa intolerância que explodiu, que se manifesta entre esses grupos, a solução que tem sido encaminhada pelos meios responsáveis... a questão é justamente esta, os meios responsáveis quase sempre são os policiais, é a polícia, uma política repressiva que acaba não conseguindo controlar o fenômeno, e, ao contrário, isso está se alastrando para o Brasil todo. Em Goiás, hoje, nós temos rixas sérias entre grupos de torcidas, no Nordeste, no interior do Rio Grande do Sul, no interior do Paraná, lugares que até então você: “Puxa, mas...”. Saiu do eixo Rio-São Paulo e produziu um problema nacional bastante complexo, com variações que são locais. No Rio de Janeiro, nós já tivemos problemas na presença, seja de policiais nas torcidas, seja do próprio tráfico de drogas nas torcidas; quer dizer, a questão se territorializou para fora do estádio; elas brigam porque as torcidas pertencem a grupos, facções e a locais do Rio de Janeiro; por exemplo, São Gonçalo é um lugar hoje que tem bastantes problemas relacionados à torcida. Campo Grande. Quer dizer, cada vez a gente está saindo do palco do jogo e indo para as regiões mais periféricas. Em São Paulo, muito recentemente, tivemos problemas em uma situação muito delicada, porque as torcidas têm um grau de autonomia, de institucionalização, muito grande, as torcidas são

escolas de samba, mesmo que a proibição seja feita, elas conseguem existir juridicamente porque elas são escolas de samba e recebem dinheiro público pelo fato de serem escolas de samba. Então, é muito delicada a situação; aí, as soluções estão sendo... esse é o problema também que foi encontrado pela polícia, quer dizer: “Então, vamos territorializar o espaço do ir e vir desse torcedor”; então, começaram a dividir o espaço dos estádios para as torcidas entrarem; quer dizer, está se apostando que a solução é que as pessoas não se encontrem, não se vejam, soluções de partidas com torcida única. Então, a solução para a violência é que as pessoas não se encontrem; no limite, é melhor não ter jogo, porque aí não vai ter torcida, e não vai ter briga; e não levar a procurar construir uma frequência ao estádio, em que as pessoas consigam assistir a um jogo, ter aquele componente provocativo, que é básico, que estimula as pessoas, que é zoar o adversário, quando ganha, quando perde, enfim, aceitar ganhar e perder – é a lógica do jogo –, e aceitar o livre trânsito, que eu possa usar uma camisa, e você possa usar outra, e a gente entre pelo mesmo portão. Então, foi tudo sendo segmentado para que esses casos extremos não acontecessem. Então, nós temos realmente problemas com grupos, que são minoritários, dentro da torcida organizada, que justamente visam premeditadamente à aniquilação do outro, ao confronto físico, encontros que são previamente agendados, quer dizer, tudo isso existe, mas eles são localizados, minoritários, e a solução está sendo generalizar esse problema para o público em geral. Então, se você usa uma camisa, e está andando em um determinado local, você nem sabe, mas

pode ser linchado, ofendido, sem saber por que, mas porque você está com uma camisa de um time de futebol.

Comunicações do Iser: Vou muito a partidas de futebol, frequentava o Maracanã, vou ao Engenhão. E lembro de um jogo em Ítalo Del Cima, era um Fla X Flu, em que havia um cordão de policiais separando a Jovem Fla da Raça Rubronegra, as duas torcidas do Flamengo. O que isso significa?

Bernardo: Um outro ponto que parece inacreditável para uma pessoa que chega de fora e: “Puxa, duas torcidas do mesmo clube? O que é que leva...”. Isso, você conversa com os componentes desses grupos, e eles vão falar do outro grupo talvez com mais raiva do que eles têm de torcedores do Vasco – você está pegando o caso do Flamengo. Quer dizer, você criou uma série de atritos... Bom, aí eu volto ao ponto do profissionalismo, da entrada do dinheiro no futebol, e não é um fenômeno isolado das torcidas, quer dizer, durante algum momento, houve políticas internas de dirigentes que estimularam esses grupos a crescer, que visavam fortalecer esses grupos como uma espécie também de massa de manobra dentro de políticas internas de clubes; então, torcidas foram favorecidas com ingresso, isso levou essas torcidas, que eram de centenas, passassem a ser de milhares de associados, esses ingressos passaram a dar lucro para essas torcidas e a torcida passou a se ver com uma marca também para ganhar dinheiro; tudo isso foi levando a que esses grupos, internamente, disputassem espaço dentro do clube, para quem tem mais ingresso, para quem tem mais visibilidade, alguns fazem carreira interna dentro do clube. Então, isso, pouco a pouco, jogando com essas rivalidades de uma garotada que às vezes nem sabe por que, algumas lideranças foram insuflando esses atritos de torcidas intraclubes. Então, hoje em dia, você tem essas dissidências que tentam engolir o grupo anterior, quer dizer, são disputas de poder por espaço dentro do clube, com vistas a essa ideia de que você pode ganhar dinheiro,

que você pode ali também, no clube, maximizar os seus lucros, em um universo em que todo mundo ganha, né? Um jogador não é à toa... Por que tanta intolerância contra jogadores que vão para boate, com seus vinte e poucos anos, e são perseguidos pelas torcidas? Por esta ideia de que o ídolo não tem mais vínculo com o clube, ele está um dia nesse time; no outro dia, ele está no outro – Thiago Neves, um dia está no Flamengo; no dia seguinte, está no Fluminense –; então, ele não tem mais – entre aspas – “o amor pela camisa”; ele está ali ganhando salários astronômicos, curtindo a vida, deixando de apresentar o seu desempenho dentro do campo; então, a torcida se sente no direito de perseguir, de ofender, até de bater nesse jogador; parece que alguma coisa está errada, né? Você se valer desse expediente para... Então, tem o componente do dinheiro, que está presente hoje nesse futebol, e não apenas essa ideia de que são bárbaros, isso tem uma explicação, um sentido, que é para além desses irracionalismos de que seriam figuras que se animalizariam na multidão. Então, essas realmente são cenas que a gente acompanha no cotidiano bastante preocupantes, e que não tendem a diminuir com a mera – eu repito –, com a mera proibição, que está sendo a pedra de toque para encaminhar o problema. O que aconteceu no futebol inglês, com a erradicação dos Hooligans? Foi uma renovação total da estrutura dos clubes e do futebol, da sua liga de elite; na Inglaterra, os clubes não têm a mesma inserção comunitária, que têm aqui, você não tem um espaço social onde vai para a piscina do clube, você vota, e toda essa relação que a gente tem aqui, quando vai no Botafogo, vai no Flamengo, vai no Fluminense.

Comunicações do Iser: O clube deles é muito fechado, e o nosso é onde entra todo mundo.

Bernardo: Mesmo que não seja do seu clube, né?

Comunicações do Iser: O Flamengo é um exemplo.

Bernardo: E você também não solucionou, mas empurrou o problema para as ligas de bar, para ligas inferiores, e exportou o problema. Hoje, realmente, nós temos problemas de intolerância séria de torcida, em países como Turquia, Grécia, o Leste Europeu todo – já tinha antes, mas isso se tornou visível depois da queda do Muro. E, no caso da América Latina, nós temos o modelo das Barras Bravas argentinas, que também foram exportadas, como modelos de grupos de enfrentamento. Na Argentina, algumas até com vínculos com sindicatos e com polícias; enfim, são problemas que aparecem no futebol, mas que não são exclusivamente do futebol, e que aí cada país tem uma história específica, mas esse potencial urbanístico do futebol foi canalizado nas torcidas desta forma, de ser esse polo da tradição contra esse mundo globalizado, modernizado, em que esses jogadores não têm mais vínculo com o clube, em que os empresários só visam ao lucro, e, ao mesmo tempo, o desejo de participar desse universo que parece tão promissor, que dá tanto lucro; aí, você cria estas figuras, esses torcedores violentos, esse paradigma desse torcedor violento presente hoje no mundo todo. A gente viu no final de janeiro, no Egito, dentro de toda aquela turbulência, um jogo em que houve uma facilitação para que todas as torcidas da mesma cidade se encontrassem e mais de 70 torcedores morreram naquele episódio.

Comunicações do Iser: Algumas pesquisas recentes também têm apontado a torcida brasileira como a mais violenta do mundo. Você mencionou o caso dos 25 mortos, só nos três meses de 2012, mas me parece que 2011 também foi marcado pelo menos por 20 casos de assassinatos, comprovadamente relacionados ao futebol. E de 1992 a 2012, ou seja, em 20 anos, 133 mortos. Eu queria que você comentasse um pouco mais essa especificidade da intolerância no futebol brasileiro, dentro e fora dos gramados.

Comunicações do Iser: Pegando o gancho da pergunta anterior, é possível fazer um ranking

das violências?

Bernardo: É bastante... os critérios ainda não estão muito claros. Em geral, nós temos dados colhidos, seja em delegacias de polícia, sejam informações que são noticiadas nos jornais. Então, os critérios para os pesquisadores mensurarem essa violência são essas duas fontes principais de informação, sendo que nós sabemos dos inúmeros casos que são resolvidos sem que isso seja notificado ou reportado; os casos são resolvidos pelos policiais e não temos nenhum registro, e, normalmente, os policiais preferem não registrar, não ter o problema, preferem dar eles mesmos a lição de moral e praticar os danos que eles julgam, arbitrariamente, como os que devem ser aplicados, e são liberados – aqui também entramos na discussão penal, quem pode ser punido, quem não pode ser punido, quer dizer, com a promulgação do Estatuto do Torcedor, que tem uma série de ambiguidades, desde 2003, depois sancionado em 2010; em 2010, sancionado para justamente asfixiar ainda mais as torcidas organizadas, criando nesse estatuto a brecha para que a punição do líder de torcida aconteça a cada incidente registrado com qualquer componente da sua torcida; ora, isso é o mesmo que querer punir o presidente de um clube, em qualquer momento que algum dos seus associados, ou algum que pertence, que são simpáticos ao seu clube, cometa com a sua camisa um dano. Isso foi sancionado em 2010; nessa tentativa, e aí com vistas aos nossos megaeventos, ainda mais recrudescer essa asfixia contra as torcidas organizadas. Então, parece que você toca em um ponto que é importante. Quer dizer, o critério para nós mensurarmos a violência é difícil; é difícil estabelecermos objetivamente; primeiro, definir o que é violência; depois, as inúmeras qualificações de violência que podemos ter dentro de um jogo de futebol: uma briga que acontece em uma arquibancada, motivada por um desentendimento entre duas pessoas individualmente; depois, uma briga entre grupos que estão fora do estádio, e que se encontram, premeditadamente; quer

dizer, tem uma série de nuances, né? Uma figura que arremessa algo dentro do campo; tudo isso pode ser computado como violência, segundo o nosso critério.

Comunicações do Iser: E também aquela atitude de urinar no público, lembra?

Bernardo: Tinha muito, bastante, né?

Comunicações do Iser: Agora, parou; tudo isso, parou um pouco, né? Não sei se parou, mas a minha impressão... eu não tenho visto.

Bernardo: Parou. Isso era muito comum nos anos 1980, né?

Comunicações do Iser: Exatamente.

Bernardo: E até, no caso, dentro dos estádios, se diz que isso foi controlado até porque os mecanismos de punição... quer dizer, se um clube mandante tem, no seu campo de jogo, algum objeto arremessado, ele é punido, então, o clube passa a ser penalizado, e eles inibem o torcedor de fazer esse tipo de ato, porque sabem que isso vai ter alguma retaliação. Mas, de fato, a gente também pode, na cronologia, ir um pouco para frente, ir um pouco para trás; de 1992 pra 2012, nós temos assistido a uma escalada de violência, embora a gente possa ter o marco de 1988, quando esse torcedor foi assassinado fora de circunstâncias de jogo, mas o que me parece mais sintomático, se nós compararmos o que aconteceu em 1995, com a batalha campal no Pacaembu, com o que aconteceu este ano, em São Paulo, do confronto da Gaviões da Fiel com a Mancha Verde, é o raio de ação e espraiamento desse patamar de violência; a batalha campal foi dentro do campo de jogo, no coração do futebol; agora, nós temos incidentes fatais acontecendo a quilômetros, e até, em parte, por um estranhamento que deriva da nova legislação do Estatuto do Torcedor, que pune, em um raio de ação de 3 ou 5 quilômetros, qualquer incidente que aconteça. Então, quer dizer, isso está se espraiando, isso não foi

diminuído com a proibição das torcidas e fez com que essas torcidas perdessem o controle dos seus próprios associados. Nós tivemos uma explosão nos anos 1990 – pegando 1992 como marco –, uma explosão numérica desses grupos, uma pulverização do poder desses grupos, ou seja, para você dar conta desse agigantamento, dividiu o poder em subpoderes, que passaram a ser poderes territoriais; isso gerou – até dentro do vocabulário das torcidas – um; então, aquele cara passa a ser o responsável pela torcida naquele local; aquele cara, que até então não era nada na torcida, passa a ser alguém; são as dinâmicas territoriais da violência; passa a ser alguém potencialmente integrado ao grupo, mas também potencialmente de dissidente.

Comunicações do Iser: A palavra usada é monitor?

Bernardo: Monitor. Então, as torcidas se dividem de acordo com os bairros da cidade, e, em cada bairro, tem um monitor, um representante daquele grupo. E as brigas passaram a ser entre esses bairros, que têm as suas torcidas, que pertencem a essa torcida central, mas que já têm a sua lógica totalmente voltada para aquele ponto, porque se sabe que, naquele ponto, vai ter um número menor de policiais, vai ter uma menor repressão, e aí eles sabem quem são os seus adversários, e eles podem fazer emboscadas, tentar, de alguma maneira, se encontrar, que é aquilo que a polícia o tempo todo faz: qual a solução para violência? “Apartar!” Então, tem uma avenida que passa a torcida, então, a outra torcida passa pelo lado oposto; então, isso foi partindo a cidade ao meio, isso foi segmentando; a lógica da segmentação resolve o problema, naquele momento, mas ela vai criando efeitos colaterais, e problemas que, mais à frente, reaparecem com mais intensidade. O que aconteceu nesse confronto de corintianos com palmeirenses? Tinha uma viatura de polícia pra escoltar 500 torcedores, eles foram surpreendidos por 2 mil torcedores, eles chegaram armados, e a polícia simplesmente fugiu; os policiais, quando viram

aquela quantidade de torcedores, dispararam; é a própria vida, né, preferiram deixar que o confronto acontecesse. Então, o que nós temos assistido é cada vez mais pulverização do problema para as áreas periféricas.

Comunicações do Iser: Você falou também do espraiamento desse problema em território nacional. O caso de novembro de 2010, no Atlético Mineiro, está dentro dessa lógica também, quer dizer, essas oposições entre as torcidas, das grandes rivalidades locais, regionais?

Bernardo: Em 2010, do Atlético Mineiro... qual foi mesmo?

Comunicações do Iser: A morte do torcedor do Cruzeiro por um grupo enorme de atletas, com a prisão do presidente da torcida

Bernardo: Sim, sim. Foi fora, foi num dia...

Comunicações do Iser: Foi fora, né?

Bernardo: Não em um dia de jogo.

Comunicações do Iser: Não foi no dia do jogo.

Bernardo: Eles estavam até em um MMA, assistindo a uma luta, e depois teve algo nesse sentido. Sim, outra expressão disso, quer dizer, além dessa segmentação dos bairros, além dessa segmentação local, tem sido essa rede nacional de alianças e conflitos, que estão se estabelecendo desde os anos 1980, e que vão modificando, mas que, cada vez mais, procuram dividir o país ao meio, em uma lógica de combinações e oposições entre esses grupos. Talvez uma das mais conhecidas seja essa do Vasco com o Palmeiras contra o Flamengo com o São Paulo; isso acontece bastante; então, quer dizer, uma sistematização de quem são os aliados e quem são os inimigos; quer dizer, no mundo interno das torcidas, todos sabem...

Comunicações do Iser: Eu não sabia disso.

Bernardo: É. Existe uma rede, assim, grosso modo, que se divide em lado A e lado B. No Ceará, nós temos o time do Ceará e o time do Fortaleza; a torcida do Fortaleza, quando se alia com uma torcida do Rio de Janeiro, imediatamente, a torcida do Ceará vai se aliar com a rival daquela do Rio de Janeiro, que é aliada do Fortaleza; isso é um efeito dominó, isso vai gerando... em todas, isso acontece. Então, nós temos quase que um mapa nacional, que opõe as torcidas entre si, e isso gera um problema sistemático; em todos os jogos, potencialmente, produzem encontros entre amigos e inimigos. Fortaleza, a gente não ia imaginar; Fortaleza foi jogar – isso foi em 2008, 2006? –, foi jogar no Rio de Janeiro, e dois dos seus torcedores foram alvejados por uma torcida organizada do Botafogo; dois torcedores morreram, do Fortaleza. Como você poderia imaginar isso: Botafogo e Fortaleza tem rivalidade no futebol?

Comunicações do Iser: Pois é, isso... já que você está na Fundação Getúlio Vargas, isso cria uma complexíssima questão de Administração... Eu não sabia disso; eu desconhecia.

Bernardo: Eles estão... isso está quase articulado nacionalmente. É curioso, porque as torcidas fazem festas de aniversário, e esses aliados do Brasil todo comparecem; então, tem festas assim... a torcida faz uma festa pra 5 mil pessoas, e o cara vem de Curitiba, vem da Bahia... porque são os aliados daquela torcida. Então, isso segmentou muito esse universo, e isso entra em uma escala espiral que parece não ter fim, parece cada vez mais se cristalizar.

Comunicações do Iser: E qual o papel da internet nisso?

Bernardo: Uma excelente questão. Os contatos entre torcidas vêm da época em que as torcidas mandavam cartas para suas sedes e estabeleciam contatos por escrito. Hoje, sem dúvida, a internet permite que esses vídeos de confronto circulem, sejam postados por qualquer pessoa; claro que até algumas pes-

soas se defendem, dizem que isso é mito, que isso não acontece, que aqueles que querem brigar, vão, independentemente de isso estar agendado ou não estar agendado, mas essa comunicação foi facilitada pelas redes sociais; e, justamente, eles criam comunidades, eles criam símbolos, em que todos esses grupos se congregam; então, tem dizeres, gestos, tem uma cultura simbólica e uma cultura material pra que isso se concretize. Essa ideia de que a proibição das torcidas não surte efeito deriva do próprio fato de que elas têm símbolos e têm ritos já muito próprios claros, delineados; então, você pode extinguir nominalmente, mas a força simbólica permanece como uma força de catalisação de jovens; claro que a gente pode explicar, mas, às vezes, as explicações no âmbito do psicológico são fracas, mas existe uma busca por afirmação de grupos que passa por provações, por demonstrações de hombridade, de façanhas. Eles se reproduzem a partir de histórias que eles vão contando para eles mesmos, nas viagens; as viagens são um momento em que eles vão se afirmando por essa capacidade de mostrar: “Eu fiz aquilo. Eu invadi aquele território. Eu fui até não sei aonde”; enfim, as lendas e os mitos correm soltos entre esses grupos.

Comunicações do Iser: O número especial nos obriga a nos limitar à questão que estamos procurando, mas é impressionante as interfaces que você está dizendo que isso gera; é um fato social impressionante. Concatenação nacional, né, segmentação?

Bernardo: E o ponto é justamente pensar quanto esse limite, dentro do discurso dos esportes de que é uma guerra simbólica, é rompido, porque nós temos rivalidades entre outros... vamos pegar o universo das escolas de samba: por que existe uma rivalidade? A Portela pode não gostar da Mangueira, mas isso não descamba para uma violência grupal, como isso descambou, no futebol. Nós temos... são jovens, do sexo masculino. Aparecem os símbolos da caveira, da morte, do temor, quer dizer, tem todos esses elemen-

tos que estão emulando essa confrontação, que foram sendo acumulados ao longo das décadas, e um pouco deixados à deriva pela sociedade: “Ah, isso é uma coisa do clube, isso é uma coisa da polícia”; então, isso foi sendo deixado; e no momento que isso apareceu, já estava criado, o problema já ocorria de uma maneira até certo ponto irreversível.

Comunicações do Iser: Eu fico pensando, não sei se essa especulação faz sentido, mas a reação imediata diante de um conflito nos estádios é a ideia de irracionalidade; e ao mesmo tempo você está descrevendo um universo altamente racional, administrado, superorganizado, e isso não é uma construção geométrica no Brasil inteiro.

Bernardo: Se fosse um bando de vândalos, como explicar as sedes administrativas, as sedes sociais, o patrimônio que esses grupos têm hoje, se não tivesse ali uma organização, uma estrutura, uma visão de projeto para esses grupos; e, no caso, de São Paulo, isso é mais forte, né, com a construção de escolas de samba.

Comunicações do Iser: Você acha que o conflito também na apuração do último desfile tem a ver com as torcidas, e com a lógica das torcidas, para dentro do carnaval?

Bernardo: Existe um debate grande em São Paulo sobre esse limite da presença das torcidas organizadas, que, nos próximos anos, pode trazer problemas que venham a se tornar crônicos, porque, de início, era isto: havia uma torcida organizada; aí, depois, apareceu uma segunda, e eles disseram: “Não, faz-se em dias separados; no primeiro dia, desfila uma; no outro, desfila a outra”. E este ano teve a entrada de uma terceira torcida que desfila; então, quer dizer, como há apenas dois dias para desfilar, vão ter de, forçosamente, duas desfilarem em um dia só; e as outras que estão vendo que esse modelo está dando certo, estão se organizando progressivamente para subir; então, vai ter um momento em que

vão ter torcidas, que têm graus de rivalidade muito fortes no futebol, que vão se encontrar em São Paulo nos dias de desfile; o que eles fazem atualmente é... por exemplo, na apuração, é separar uma torcida, que é como eles fazem nos estádios, mas, repito, essa lógica da segmentação, funciona naquele momento; pouco a pouco, vai gerando problemas futuros que são incontroláveis. Então, já tem três torcidas, e a tendência é que haja mais. Então, você lembrou esse fato que aconteceu, foi um desrespeito às regras do jogo, quer dizer, uma escola se sentindo prejudicada na apuração, se sentindo no direito de invadir, rasgar e sumir com o voto do júri, que mostra uma intolerância em aceitar a derrota, aceitar se submeter às regras do jogo; então, é um sinal de que haverá problemas da forma que está se passando.

Comunicações do Iser: Aquelas barras do Engenhão foram feitas pra evitar a propagação de brigas? Eu desconfiei, mas...

Bernardo: No Maracanã, a introdução de cadeiras já foi uma forma de tentar conter deslocamentos de grupos dentro do estádio.

Comunicações do Iser: As barras são ainda mais.

Comunicações do Iser: Aquelas barras impedem de propagar; quer dizer, até há uma possibilidade de propagação.

Bernardo: E aquilo que é uma prática das torcidas que vêm do Sul, onde eles fazem as avalanches para comemorar o gol, correndo...

Comunicações do Iser: Descendo, né?

Bernardo: Descendo. Com essas barras, você não pode fazer isso. Então, é uma contenção aos deslocamentos para evitar o risco de tragédias, mas também é um cerceamento de expressão, de liberdade, de movimentação, de criatividade; e você acaba misturando, em vez de evitar um problema, impedindo

também que essa marca da criatividade, da festa, aconteça.

Comunicações do Iser: Ou mesmo em uma situação limite, de um confronto, você também não tem para onde correr, né? Você cria corredores muito complicados ali, que movimentam todos na briga, se houver uma briga. Quer dizer, essas barreiras são muito ambíguas, né, elas podem não só evitar uma briga, mas, no caso de uma briga, pode evitar que você consiga sair dali. Esse excesso de barreiras, de obstáculos, que muitas vezes também são obstáculos que, em uma briga, muitas vezes, são um convite para que as pessoas pulem. Tudo isso também aparece, né?

Bernardo: Na Inglaterra, em 1989, teve uma tragédia com 100 mortes, justamente pela superlotação, e pelo fato do alambrado ter... foi o alambrado que gerou essas mortes; não tinha... pela separação com o campo de jogo, ele acabou levando a essa asfixia de centenas de torcedores. Hoje, os estádios da Inglaterra não têm grade, não têm separação com o campo, porque eles preferem que haja uma invasão a que haja asfixia desses torcedores contra as barras. Essa estrutura de estádio não existe na Inglaterra, de fincar essas barras pra impedir o... existe a cadeira assentada, numerada, existe toda essa criação de um novo conceito de espectador, que é muito mais próximo do teatro do que do estádio, que é sentado, individualizado e previamente demarcado; então, você não pode: "Ah, eu quero ver o jogo do outro lado", não pode mais; hoje em dia, você não tem mais essa liberdade, mas desse ponto de vista de evitar tragédias pela superlotação com esses obstáculos, eles não adotaram esse procedimento; realmente, não parece uma solução... já que gosta tanto de modelos europeus, que é uma matriz.

Comunicações do Iser: Nós falamos sobre a intolerância nas torcidas de futebol, entre torcidas, intolerância também do estado contra as torcidas de futebol, mas eu gostaria que você falasse um pouco também sobre as

manifestações de intolerância dentro dos gramados, ou seja, manifestações de intolerância no jogo de futebol, brigas e discussões, que muitas vezes vão parar na delegacia; entre jogadores, ou jogadores e corpo técnico, ou juízes, enfim.

Bernardo: Visto que o esporte hoje está diretamente conectado à circulação da imagem, a presença quase onipresente dos televisualizados, todos os atos dentro de campo, eles têm uma capacidade de reverberar enorme; talvez, o exemplo maior disso tenha sido a famosa cabeçada do Zidane, naquela final de 2006, contra o italiano, e depois ele teve de ir à televisão se desculpar inúmeras vezes porque tinha perdido a cabeça, literalmente, para as crianças francesas, que tinham ele como o Zizou, o ídolo mor, e o ídolo falhou no momento fatal, perdendo a cabeça, como não poderia; então, esse foi um exemplo de... ali no calor, talvez no cansaço, era uma prorrogação, sendo provocado, hostilizado. Hoje em dia, as câmeras mostram o que acontece, de jogadores, em nome dessa ideia da vitória a qualquer preço, que eles se engalfinham ali dentro da área, se pegam, se puxam, mostrando os limites desse respeito ao espaço. Então, quer dizer, essa presença da televisão faz com que tudo que aconteça em campo seja atribuído um valor moral. O comportamento do jogador, ele hoje está tolhido; a gente lembra do Afonsinho e do Paulo César Caju, aqueles ídolos dos anos 1970, marcados pela rebeldia; hoje, você tem um apelo ali ao politicamente correto, né, o jogador não tem liberdade agora de tirar a camisa do clube e passar uma mensagem, e dizer... tudo ali está movido pelos patrocínios, por essa engrenagem que produz o futebol; o jogador termina a partida, aí já aparece atrás, eles colocam os patrocínios atrás do jogador, estrategicamente, porque ele vai ser filmado, vai aparecer; tudo é previamente condicionado. Então, essa ausência de liberdade dentro do campo, e essa padronização mesmo do que acontece dentro do jogo, é algo que deve ser visto como também parte dessa intolerância que nós temos nos dias de hoje. Claro que a

gente tem os exemplos do que é feito ali, no calor da hora, a leitura labial que você faz, e não o palavrão; então, tem uma série de constrangimentos que estão sendo impostos para os jogadores, e vejo o cerceamento da liberdade como algo preocupante. E, por outro lado, essa ideia de que a ilusão de ser o tempo inteiro filmado, e de que eles estão ali encenando, estão ali não se apresentando autenticamente para o grande público, justamente atendendo a essas demandas que são impostas a eles. É isso. São garotos, lá, o Neymar, de 21, 22 anos, e que são forçados a ter padrões de comportamento, que eles mesmos não têm. Não é exatamente esse o ponto da intolerância, mas isso me chama a atenção como algo que cada vez mais acontece dentro do campo de futebol.

Comunicações do Iser: Você falou um pouco antes de ciclos de violência, ora mais acentuado, ora menos; e quais são as hipóteses que existem para que haja essa flutuação?

Bernardo: Foram pesquisas desses chamados eliasianos, esses pesquisadores ligados ao Norbert Elias, que fizeram algumas estatísticas, justamente buscando em jornais o número de desordens registrados nos periódicos ao longo do século XX; então, eles dizem que, no primeiro momento, há muitos registros da formação do futebol profissional, há muitos registros de problemas em estádios, isso porque os estádios tinham arquibancadas de madeira, tinham formações precárias, então, havia mais gente que podia entrar do que a capacidade de receber; então, você tinha desabamentos. Na virada do século XIX para o século XX, inúmeros problemas são registrados pelos jornalistas dos jogos. Após a I Guerra Mundial, tem um momento ali, no caso inglês, nessa periodização europeia eles chamam de um período de declínio desse registros, mas tem uma relação direta com a sociedade, com as estruturas e com as conjunturas em que vive a sociedade naquele momento; então, o mito do lorde, o mito do *gentleman*, toda aquela imagem do inglês como impávido, austero

e contido era forjada nesse entre guerras, e isso até no próprio futebol apareceu. E essa própria imagem do futebol como expressão do operariado britânico, ou seja, o lazer do operário britânico nos seus sábados, que eram os dias de jogos na Inglaterra, os dias que eles não trabalhavam. Após a II Guerra Mundial, as estatísticas começam a perceber um aumento desse número de enfrentamentos, de distúrbios, como eles chamavam, genericamente, que eram distúrbios provocados no calor da hora; era isso assim: “O juiz cometeu um erro, isso está prejudicando o meu time”, e havia invasões; então, isso começa a ser acentuado, após a segunda guerra. E a partir dos anos 1950, 1960, essa ideia de uma cultura juvenil ligada ao torcer, ou seja, as famílias que iam ver juntas os jogos, dão lugar, atrás do gol, a grupos que buscam se reconhecer como jovens torcedores, cada vez mais fanáticos e predispostos a torcer por aquele time, e a fazer do seu torcer outra partida também, um jogo com vencedores e derrotados; e, nos anos 1960, isso aparece com a imagem do Hooligan.

Comunicações do Iser: O anti-inglês, né?

Bernardo: O anti-inglês.

Comunicações do Iser: Aliás, o Nelson Rodrigues dizia que não havia inglês, que o mais inglês era justamente o falso; que o único inglês que existia no mundo era o Antônio Callado.

Bernardo: Faz sentido. Mas, então, são oscilações que têm a ver com a própria conjuntura social, mas que foram motivadas pela dinâmica própria do esporte, em determinados momentos.

Comunicações do Iser: Você estava falando que o futebol é pesado. Eu sou torcedor do Flamengo, igual a muitos...

Bernardo: Mas você falou que já foi ver o Flamengo em Ítalo del Cima. Realmente, esse é um torcedor...

Comunicações do Iser: Eu vou muito ao estádio, gosto de ver jogo de futebol, mas eu não sou um leitor da página de esportes. Eu gosto do jogo, eu não fico procurando saber onde... eu gosto do jogo, e vou com muita frequência.

Comunicações do Iser: Mas isso que você observou das duas torcidas do mesmo clube separadas pela polícia...

Comunicações do Iser:- ... Isso me impressionou muito.

Bernardo: Para quem gosta do jogo, é algo incompreensível; para quem acompanha esses grupos, é extremamente incompreensível.

Comunicações do Iser: Agora, no estádio do Bangu, eu me lembro, também nessa época, tinha um negócio assim, de famílias chegarem lá, a mulher saía, depois voltava, os estádios... tinham um negócio meio doméstico.

Comunicações do Iser: Tem uma última pergunta, que é sobre esse grande seminário, esse grande encontro que vocês fizeram sobre torcidas de futebol, sobre esses temas. Eu queria que você falasse um pouco sobre como é que os pesquisadores estão tratando esse tema, sobretudo, na Antropologia, na Sociologia, na História, nas áreas afins das Ciências Humanas, e falasse um pouco também da experiência desse evento que você organizou.

Bernardo: Você tocou em algo muito importante de mencionar. Você falou de tornar o futebol pensável; é muito bom quando a gente vê teses e dissertações, trabalhos acadêmicos sobre o futebol sendo reconhecidos nas associações de pós-graduação. A dissertação de mestrado do Luiz Henrique Toledo, Torcidas Organizadas de Futebol, foi prêmio da Anpocs de melhor dissertação, em 1994. Em 2008, a tese de doutorado do Arlei Damo, chamada Dom à Profissão, um estudo do futebol, da formação do jogador profissional como um jogador de espetáculo, foi a melhor tese de doutorado na Anpocs. Então, quer dizer, são

estudos que estão aparecendo, e que estão sendo reconhecidos pela qualidade, pela excelência acadêmica, e não apenas ver como um objeto menor, que não tem maior profundidade e interesse. A academia se interessou pelo tema da violência no futebol e nas torcidas organizadas, em particular, um pouco a partir do momento em que os meios de comunicação começaram a divulgar essas imagens, e começaram também a criminalizar as torcidas; quer dizer, é uma espécie de contrapartida de reação ao que apareceu na grande imprensa, a partir de estereótipos de categorias muito precipitadas que os jornalistas começaram a divulgar, a própria nomenclatura desses grupos, começou a chamar as torcidas de facções, uma série de elementos que mostram juízo de valor sobre esses grupos. Então, o movimento inicial da Antropologia foi reconhecer a pertinência, a existência desses grupos como estilos de vida, como modos de sociabilidade juvenil nas grandes cidades que devem ser vistas para além dos seus rótulos e das suas aparências, que devem ser estudadas em profundidade, e vistas sem todo esse preconceito, com que taxativamente logo os meios de comunicação os rotularam, e ver como um objeto legítimo de estudo. Então, o movimento inicial foi um pouco – entre aspas assim – de “defender” a legitimidade, a existência desses grupos, e entender as suas categorias nativas, o seu horizonte, entender porque essa dimensão que o esporte traz, do risco, da sorte, do acaso, da aleatoriedade, é vivenciada por esses grupos, esse risco, na adrenalina, na busca da emoção que tem a ver com esse perigo, com essa sensação de vivências extremas, e aí buscar nesses grupos o reforço da identidade, a criação dessa identidade pelo confronto com o outro, enfim, como a torcida é um veículo dessas expressões contemporâneas da sociedade, não apenas brasileira, como internacionalmente, em uma escala maior. Então, quer dizer, há uma série de referenciais; e aí o próprio Norbert diz, foi muito importante, quer dizer, pelo fato de hoje ser um sociólogo de ponta, que trabalhou e é reconhecido hoje pela sua visão processual, do sentido do desenvolvimento da sociedade

ocidental, mas também pela sua epistemologia, também pela sua capacidade de pensar metodologicamente o que são os grupos sociais, como é constituída a sociedade, o peso do indivíduo, e por ter se tornado uma referência tão clássica, e que abraçou com tanta simpatia, com tanta abertura esse fenômeno novo, que ele acompanhou na Inglaterra, dos anos 1950, 1960 e 1970. O Norbert Elias, ao desenvolver a ideia do processo civilizador e pensar como a sociedade, em determinados momentos, vivencia o que ele chama de etapas, de momentos de suspensão desse sentido civilizador, que ele chama de processo de descivilização, ele permitiu que você enxergasse também a possibilidade de estudar o comportamento violento, o comportamento daquele que não internalizou essas regras de restrição, de autocontenção, que a sociedade, a partir da educação, procura socializar. Então, do ponto de vista teórico, os estudos sobre torcidas encontram, seja na Antropologia, seja em uma relativização das visões de mundo, a possibilidade de pensar pluralidades, e não apenas conceitos estereotipados e previamente etiquetados sobre o que é o comportamento humano; é entrar e identificar as percepções de mundo, seja na Sociologia, que procura entender o futebol se integrar em um movimento mais geral da sociedade, como subgrupos; dentro desse fenômeno esportivo, específico, se comporta de maneira violenta, em determinados momentos, foi um desafio teórico que os epígonos do Norbert Elias levaram a cabo, e terminaram por nos criar referências de estudo que são balizadas tanto pela Sociologia como pela Antropologia contemporânea.